

DISCIPLINA ON-LINE: DIFICULDADES E FACILIDADES DO ALUNO DA GRADUAÇÃO

Caraguatatuba/SP – junho/2013

Profª Drª Iara Sanches Rosa - Centro Universitário Módulo - iara27rosa@gmail.com

CATEGORIA: F

SETOR EDUCACIONAL: 3

Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD:

Macro: C/Meso: F/Micro: O

Natureza do Trabalho: A

Classe: 1

RESUMO

Disciplinas on-line são uma realidade nos currículos de muitas Instituições de Ensino Superior deste país, a partir da Portaria MEC 4059/2004. Entretanto, embora os alunos demonstrem familiaridade com tecnologias on-line, por usá-las no seu dia a dia, nem todos aceitam sem resistência a inclusão de disciplinas nessa modalidade no currículo dos cursos. Neste trabalho, nosso foco foi identificar as dificuldades e facilidades apontadas pelos alunos que cursam disciplinas on-line que fazem parte dos currículos de cursos de graduação da instituição de ensino superior onde trabalhamos, com o objetivo de nortear nossas futuras intervenções. A partir de um levantamento realizado por meio de questionário, por via eletrônica, aplicado a alunos que vivenciam sua primeira experiência nessa modalidade de ensino, pudemos conhecer suas críticas, positivas e negativas, em relação às disciplinas on-line, para tomarmos decisões acerca de nossa metodologia e desenvolvimento das atividades. Vimos, não sem surpresa, que os aspectos positivos apontados são característicos das aulas on-line e os negativos são aspectos comuns às aulas presenciais. Além disso, as respostas dos alunos nos deram dados importantes para a manutenção das disciplinas on-line nos currículos da graduação.

Palavras-chave: ensino a distância; disciplinas on-line.

INTRODUÇÃO

Assistimos, principalmente na última década, a um grande interesse e alguma preocupação por parte dos educadores a respeito da presença do computador na escola. O interesse parece justificar-se pela possibilidade de novos caminhos para se alcançar uma melhoria da qualidade de ensino; a preocupação talvez fique por conta do desconhecimento, ou insegurança, de alguns professores, ao utilizarem a tecnologia.

Por outro lado, os alunos participam, como todos nós, de uma mudança significativa nas relações sociais, na aquisição de informações, nas tarefas cotidianas que têm a presença e a mediação do computador. Porém, na escola, não são poucos os alunos que resistem e, até, desistem, quando o assunto é aula *on-line*.

Nossa experiência como educadora nos sugere que as reclamações dos alunos decorrem da cultura da aula presencial que, para eles, é necessária para que aprendam. Sua vivência na escola, desde a educação básica, é presencial, com professores a lhes dizer o que fazer, o que estudar, como elaborar trabalhos, e, principalmente, a ideia de que a presença na sala de aula lhes garantirá a aprendizagem. Além disso, a maioria dos alunos tem dificuldade em entender o que lê e, considerando que o texto é, por excelência, o mediador da aprendizagem *on-line*, a frustração em não compreendê-lo os faz resistir e, conseqüentemente, não aprender. Porém, essas eram suposições nossas e precisávamos ter certeza do que realmente acontece.

Tendo por tema o ensino não presencial, no contexto da linha de pesquisa Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e suas aplicações: inovação, gestão e educação, nosso foco foi identificar as dificuldades e facilidades apontadas pelos alunos que cursam disciplinas *on-line*, que fazem parte dos currículos dos cursos de graduação da instituição de ensino superior onde trabalhamos, com o objetivo de nortear nossas futuras intervenções nessas disciplinas.

A partir de um levantamento realizado por meio de questionário, por via eletrônica, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, com objetivos explicativos. A coleta de dados foi realizada em dois grupos de alunos de primeiro ano de um

curso de bacharelado e de um curso de licenciatura, sendo os dois grupos caracterizados como formados por alunos que estão vivenciando sua primeira experiência nessa modalidade de ensino. Analisando as respostas desses alunos, esperávamos conhecer as verdadeiras razões da resistência de alguns e da aceitação de outros em relação às disciplinas *on-line*.

Os procedimentos utilizados obedeceram às orientações contidas na Resolução CNS 196/96 (I.2), principalmente no que se refere à *pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais*.^[2] Assim, o questionário foi disponibilizado somente se o participante aceitasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, presente na tela imediatamente seguinte ao *login*.

Dos alunos convidados a participar da pesquisa, 69 aceitaram o Termo e responderam o questionário disponibilizado nos computadores da *webclass*ⁱ da Instituição, que era composto de 8 questões estruturadas e 2 abertas. Embora este seja um número relativamente pequeno de respondentes, consideramos que suas respostas puderam demonstrar interesses, preferências e críticas ao que lhes oferecemos nas disciplinas *on-line*, o que poderá contribuir para que, cada vez mais, possamos atingir nosso objetivo principal que é a aprendizagem dos alunos.

A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO ON-LINE

Já sabemos que é possível a construção do conhecimento no ensino *on-line*^[8]. Com base na Portaria MEC 4059, de dezembro de 2004ⁱⁱ, muitas instituições de ensino superior incluíram nos currículos dos cursos de graduação disciplinas *on-line*, correspondentes a 20% da carga horária total do curso. Mas, como diz Vani Kenskiⁱⁱⁱ [4]:

As velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso que se esteja em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo.

O ensino, seja presencial ou a distância, tem o objetivo de possibilitar ao aluno a aprendizagem. O papel do professor sempre será o de mediador nesse processo e sua formação, inicial ou continuada, deverá ajudá-lo a encontrar formas de exercer essa mediação. A depender de sua concepção de aprendizagem, sua

atuação se modifica, mas o objetivo será sempre o mesmo: que os alunos aprendam.

Com a utilização do computador e da Internet, novas formas de ensinar (e de aprender) são experimentadas e aumentam as propostas que combinam a educação presencial com a educação a distância *on-line*. No final do século XX e início do século XXI, vários pesquisadores ^{[4] [5] [6] [8] [9] [10] [11]} trataram do assunto.

Com a Internet o professor pode estar mais atento ao ritmo de cada aluno, às suas formas pessoais de navegação. O professor não impõe; ele acompanha, sugere, incentiva, questiona, aprende junto com o aluno. ^[7] (p. 85)

No ensino a distância, o texto escrito aparece como recurso prioritário. É por meio do texto que a aula acontece, com alguma participação de outras formas de interação. Diz Masetto, in ^[6], ao referir-se à mediação pedagógica realizada por meio de técnicas convencionais:

Consideramos que ler é uma atividade de um ser agente. O aluno sempre dá uma contribuição ao que foi escrito pelo autor. [...] Assim, o professor também precisa ter em mente que pode solicitar leituras em diferentes graus de exigência, que vão desde uma simples tomada de conhecimento do que está exposto no texto, em termos de informação, até aquele tipo de leitura que exige do aluno transferências, relacionamentos, análises, perguntas questionadoras e assim por diante. (p. 151)

Na busca da interação, que parece ser da maior importância no ensino *on-line*, diferentes mídias podem ser utilizadas: teleconferências, videoconferências, *chats*, listas de discussão, fóruns, correio eletrônico, softwares específicos personalizados, CD-Rom, entre outras. Porém, a comunicação é feita por meio de texto, em geral.

Nos diálogos com professores que experimentaram o ensino *on-line* ^[8] observamos que novos olhares são dados, novas práticas são criadas, novas relações são descobertas. Constroem-se, assim, novas formas de aprender e de ensinar, ainda que seja preocupante o fato de existirem práticas “velhas” disfarçadas de “novas”, apenas porque se utiliza tecnologia avançada.

Entretanto, é indiscutível o fato de que no ensino *on-line* cria-se uma prática a partir de um novo paradigma e, nesse paradigma, a interatividade é um aspecto muito importante no processo ^[8].

No ensino *on-line*, tal como no presencial, o professor atua conforme sua concepção do processo de ensino e de aprendizagem. Não há como generalizar sua ação, seu perfil, ainda que se possa generalizar seu papel, como o de ser mediador da ação educativa que ocorre no contexto aluno-conhecimento-tecnologia.

Pode-se dizer que já existem mitos e crenças sobre ensino *on-line*. Para a maioria dos professores que nunca participou de uma experiência desse tipo, é grande a desconfiança de que seja um ensino de menor qualidade, ou para o qual é necessário um tipo diferente de professor; para outros, que de alguma forma já utilizaram recursos da educação a distância, esse ensino é uma real possibilidade.

Os alunos, de modo geral, manifestam-se contra o ensino *on-line*, ainda que sua familiaridade com a tecnologia seja muito maior do que a do professor, em muitos casos. Dados do Censo EAD 2010, da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) ^[1], demonstram que uma em cada quatro instituições de ensino (23%) apontam a resistência dos professores como um dos maiores obstáculos à implantação do ensino a distância no Brasil. Apesar disso, as instituições acreditam que essa resistência cairá, pois só 17,6% das instituições projetavam que ela continuaria presente no ano de 2012. Nesse censo, a ABED distribuiu questionários às instituições de ensino e obteve 284 respostas a esta questão (de credenciadas pelo MEC e também que ministram cursos livres). A resistência de alunos foi pequena (19%), mas confirmada.

Outros pesquisadores ^[9] apontam algumas das dificuldades dos alunos, tais como:

- falta da tradicional relação face a face entre professor e alunos;
- insuficiente domínio técnico do uso do computador, principalmente para receber e enviar *e-mail*, participar de *chats*, de grupos de discussão, fazer *links* sugeridos, etc.;
- ausência de reciprocidade da comunicação, ou seja, dificuldades em expor ideias numa comunicação escrita a distância;
- falta de um agrupamento de pessoas numa instituição física, o que faz com que o aluno de EAD não se sinta incluído em um sistema educacional.

Esses mesmos autores concluíram, em sua pesquisa, que a maioria das causas apontadas era de origem extrínseca ao curso, ou seja, razões pessoais, principalmente a falta de tempo para dedicar-se ao curso, ou falta de habilidade para as exigências da aprendizagem a distância. Em relação às causas intrínsecas ao curso, Santos ^[9] ressalta que

notou-se um número muito menor, e estão relacionadas à falta de acompanhamento do professor-tutor e falta de apoio/incentivo institucional. Entretanto, ao investigar o que teria evitado a desistência dos alunos, foi possível identificar outros fatores [...]. Percebeu-se que os estudantes valorizavam e esperavam uma presença maior do professor/tutor no polo.^{iv}

Já Torres ^[11] analisando o mesmo Censo da ABED, aponta como causas da resistência e evasão dos alunos de cursos a distância, entre outras, a suposição dos alunos de que o modelo de EAD era mais fácil (51%), a falta de tempo (49%), a não adaptação à modalidade de ensino (47%) e, em último lugar, a falta de habilidade técnica mínima para participar do desenvolvimento do curso (3%).

Na pesquisa de nossa autoria, ora relatada, o aluno não procurou um curso a distância, mas a disciplina não presencial faz parte do currículo do curso, ou seja, ele não tem escolha. Aqueles que não se saem bem reclamam da plataforma utilizada (Blackboard), do tutor, do conteúdo, dos computadores, enfim, de algo que, em sua opinião, não é de sua responsabilidade. De modo geral, os alunos não se sentem corresponsáveis por sua aprendizagem (essa falta de corresponsabilidade parece ocorrer, também, no ensino presencial).

Sabemos que não são as máquinas e os programas que garantem a aprendizagem, mas ainda, e sempre, serão as pessoas o mais importante para que se ajude alguém a construir ou reelaborar conhecimento, seja presencialmente ou a distância ^[8]. Entretanto, temos no ensino a distância um meio privilegiado de possibilitarmos o desenvolvimento da autonomia intelectual do aluno, de sua autodisciplina, administração do tempo, capacidade de decisão, características imprescindíveis para o cidadão do século XXI. Se conhecermos as dificuldades que esse aluno encontra para aprender a distância, poderemos organizar as situações de aprendizagem de modo a diminuir os obstáculos e favorecer sua formação.

O QUE, AFINAL, PENSAM OS ALUNOS ACERCA DAS DISCIPLINAS *ON-LINE*?

O questionário

O sistema para colher as informações da pesquisa foi desenvolvido no Microsoft Office Access, dada a sua facilidade para o armazenamento das informações. Neste sistema foram desenvolvidas 3 telas de navegação (menu de opções, termo de consentimento livre e esclarecido, questionário) e várias mensagens de aviso para o usuário final.

O sistema ficou disponível na webclass e somente teve acesso o aluno portador de senha.

Desta forma, a pesquisa foi realizada eletronicamente. Antes do preenchimento das questões da pesquisa, o sistema apresentava aos alunos o termo de consentimento livre e esclarecido e somente disponibilizou as questões para os alunos que aceitaram o termo.

As informações armazenadas no banco de dados Access foram exportadas para uma planilha Excel, pois é uma ferramenta mais simples para o usuário final.

O perfil dos alunos

Dos alunos participantes, 57% estão na faixa dos 19 aos 25 anos. Todos estão no primeiro ano de seus cursos (1º ou 2º semestres) e 66% indicam “estudante” como ocupação principal. O local principal de acesso à disciplina *on-line* é a própria casa para 73% dos alunos, sendo que 44% acessam a disciplina uma vez por semana. Para 79% é a primeira experiência de aprendizagem a distância, mas parecem ter familiaridade com computador, visto que 85% possuem perfil em redes sociais, com prevalência do Facebook (81%). Entretanto, apenas 27% afirmam não terem dificuldade na utilização do ambiente Blackboard. Os demais (72%) tiveram dificuldades com o Blackboard, tutor, conexão. As características “ser organizado” e “autodisciplina” são apontadas como condicionantes “para não se ter problemas com a disciplina” por 76% dos respondentes.

As respostas

As questões abertas diziam respeito às impressões que tiveram ao frequentar as disciplinas *on-line*, solicitando que indicassem três aspectos positivos

“o que gostou?”) e três negativos (“o que não gostou?”) sobre essa modalidade *on-line*. Do total de alunos que responderam o questionário, 88% manifestaram-se e os demais somente responderam as questões estruturadas.

Os aspectos mais apontados como positivos (com mais de 10 registros) referiam-se a conteúdo e material didático, com 68%; obrigatoriedade de estudo (o hábito de ter de fazer as atividades os fazia estudar), com 36%; facilidade de acesso (considerando a flexibilidade de lugar e horário para realização das atividades), com 30% das manifestações; e possibilidade de desenvolver autodisciplina e organização (desenvolvimento de autonomia), apontada por 23%.

Entre os aspectos considerados negativos, o mais citado foi a falta da presença (física) do professor, ou tutor, em relação ao esclarecimento de dúvidas, apoio nos estudos, com 50% das manifestações; a dificuldade com o conteúdo (por ser escrito), ou material, com 37% de queixas; questões relacionadas ao tempo para executar as atividades e demora nas respostas, 30%; a disciplina não ser presencial (“por sua importância”) teve 18% de citações.

CONCLUSÃO

Carvalho Neto ^[3] estudou a importância dos AVAs – Ambientes Virtuais de Aprendizagem – como ferramentas de apoio ao ensino tradicional, em seu doutorado, na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP, e entende que a conclusão mais importante do estudo é que os alunos consideram os AVAs mais como uma ferramenta de disponibilização de materiais, e não como um sistema de interação entre alunos e professores. Na questão da análise da importância das funcionalidades de interação, como os blogs, chats e outras formas de comunicação, os alunos se mostraram indiferentes quanto à presença desses recursos dentro do sistema. Ao contrário, o que indicam como importante, diz o autor, são recursos que já existem em sala de aula presencial, como acesso ao professor (ou tutor), material didático, ou rol de perguntas frequentes. Diz, ainda, que em relação ao material didático, é comum que imprimam o conteúdo e estudem às vésperas da prova, como estão acostumados. Dificilmente interagem em fóruns de discussão, ou chats.

Também nossos alunos interagem pouco em fóruns e, quando o fazem, a interação se dá com o tutor e não com outros alunos (em vez do fórum, acabam preferindo enviar mensagens diretamente ao tutor). Também imprimem o conteúdo

(fazem “apostilas”) e não raro pedem trabalhos extras para compor a nota, o que não é previsto.

Entretanto, em nossa pesquisa observamos um dado interessante: os aspectos positivos apontados são característicos das aulas *on-line* e os negativos são aspectos comuns às aulas presenciais. O que isso significa?

Podemos pensar que, no terceiro ano de experiência com educação a distância na Instituição, parece-nos que os alunos já aceitam mais a modalidade e reconhecem nela suas vantagens (poder estudar em horários e lugares escolhidos por eles, poder desenvolver atitudes autônomas frente aos estudos, administrar seu tempo etc.). Por outro lado, os aspectos negativos aparecem em comparação às aulas presenciais. Como as respostas são anônimas, não podemos identificar se são os mesmos alunos, mas não cremos ser esse dado importante. O importante é perceber que a cultura da educação a distância está sendo construída. Raramente, agora, encontramos alunos resistentes a ponto de desistir do curso e os que iniciam a graduação já veem as disciplinas *on-line* como parte de seu cotidiano.

As respostas confirmaram, também, que o material didático e a metodologia escolhida pela Instituição estão de acordo com as expectativas deles, principalmente pelo fato de haver sempre um tutor de plantão (presencial) para eventuais dificuldades, além de estarem disponíveis *on-line*, aspectos apontados como positivos.

Desta forma, podemos concluir que estamos no caminho certo e que os alunos, enfim, demonstram estar mais conscientizados de que o ensino e a aprendizagem *on-line* são possíveis e úteis para sua formação. Resta-nos, agora, reiterar que não precisam da presença física de um professor para aprenderem, pois a construção do conhecimento depende mais deles. Outra questão, que inclui a competência de interpretar e entender textos escritos, deveria ter sido resolvida na educação básica, mas, como não o foi, caberá a nós, do ensino superior, criarmos condições para que todos possam desenvolvê-la.

NOTAS

ⁱ Laboratório de informática de uso exclusivo dos alunos.

ⁱⁱ Portaria MEC 4059/2004: Art. 1o As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semipresencial, com base no art. 81 da Lei no 9.394, de 1.996, e no disposto nesta Portaria.

§ 1o Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semipresencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

§ 2o Poderão ser ofertadas as disciplinas referidas no caput, integral ou parcialmente, desde que esta oferta não ultrapasse 20 % (vinte por cento) da carga horária total do curso.

ⁱⁱⁱ KENSKI, V. Disponível em: educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n08/n08a06.pdf. Acesso em julho/2012.

^{iv} SANTOS et al., 2008. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200845607PM.pdf>. Acesso em julho/2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] ABED. **Censo EAD.BR.** (2010) Organização: Associação Brasileira de Educação a Distância. São Paulo: Pearson Education do Brasil.

[2] BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96.** Disponível em http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm. Acesso em julho/2012.

[3] CARVALHO NETO, S. (2009) **Dimensões de Qualidade em Ambientes Virtuais de Aprendizagem.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Administração. São Paulo: USP.

[4] KENSKI, V.M. “Novas tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente.” Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n08/n08a06.pdf>. Acesso em julho/2012.

[5] LEVY, P. (2001) **A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.** São Paulo: Editora 34.

[6] MORAN, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. (2003) **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Campinas: Papyrus.

[7] MORAN, J.M. (1998) **Mudanças na Comunicação Pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica.** São Paulo: Edições Paulinas.

[8] ROSA, I.S. **A Construção do Conhecimento na Educação a Distância On-line.** (2003) Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo). São Paulo: PUC-SP.

[9] SANTOS et al. “Evasão na educação a distância: identificando causas e propondo estratégias de prevenção.” Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200845607PM.pdf> Acesso em julho/2012.

[10] SCHAFF, A. (1992) **A Sociedade Informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial.** 3ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP.

[11] TORRES, P.L. “Educação a Distância no Brasil: um olhar sobre o censo ABED 2010.” Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/37581355/A-educacao-superior-a-distancia-5>. Acesso em julho/2012.